

RICARDO GONDIM

O QUE OS EVANGÉLICOS (NÃO) FALAM

Dos negócios à graça, do desencanto à esperança



Editora Ultimato
Viçosa, MG

O QUE OS EVANGÉLICOS (NÃO) FALAM
Categoria: Ministério Cristão/Liderança

Copyright © 2006, Ricardo Gondim
Todos os direitos reservados

Primeira edição: Junho de 2006
Coodenação editorial: Bernadete Ribeiro
Revisão: Daniela Cabral, Délnia Bastos
Capa: Alô Valentina

■ LEGENDA:

NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje

NVI – Nova Versão Internacional

Todas as referências não seguidas de indicação foram retiradas da
Bíblia Almeida Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil.

Ficha Catalográfica Preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

Gondim, Ricardo, 1954-

G637q O que os evangélicos (não) falam: dos negócios à
2006 graça, do desencanto à esperança / Ricardo Gondim.
– Viçosa, MG: Ultimato, 2006.
216p.

ISBN 85-86539-92-9

1. Igrejas evangélicas – Doutrinas e controvérsias.
2. Evangelismo. I. Título.

CDD. 22.ed. 269.2

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557
E-mail: ultimato@ultimato.com.br
www.ultimato.com.br

À Cynthia,
que nasceu de meu amor.

Ao Felipe Naran,
que fez renascer minha vontade de amar.

[Sumário]

<i>Prefácio</i>	9
<i>Introdução</i>	13
DOS NEGÓCIOS	
Chega de promessa de bênção	23
O crescimento numérico	26
Os pastores	31
O pragmatismo	36
Os escândalos	41
A mulher samaritana, Coca-Cola e Jesus	46
Religião, a cocaína do povo	51
Eu também quero menos deus	56
Estou cansado!	61
DA GRAÇA	
Senhor Deus dos desgraçados!	69
Bem-aventurados os fracos	74
Eu, mulher	78
Minhas muitas sedes	84
Quero ser mais humano	88
Quero aprender a lamentar	93
A graça e o crescimento evangélico brasileiro	97
A graça e o futuro dos evangélicos brasileiros	102

DO DESENCANTO

As razões do meu desencanto	109
A inutilidade de qualquer talvez	114
Especialistas em irrelevâncias	119
Quatro episódios e muitas inquietações	122
Modismos	127
Pentecostal, não esotérico	132
Não quero ser apóstolo!	137
11 de setembro — o ataque foi contra Deus	143
Também sou um sobrevivente	149
Sei por onde não ir	154

DA ESPERANÇA

A intolerância religiosa e o futuro	159
A brasilidade da nossa fé	162
Uma carta de esperança	167
A herança pentecostal	173
Uma vida excelente	178
Se eu fosse mais velho!	184
Os profetas	190
Crer contra a esperança	195
Pistas para quem deseja aprender a viver	199
A Bíblia	203
O fim da história	207

[Prefácio]

ESCREVER É MUITO MAIS do que o exercício de um dom nato ou adquirido. É mais do que sentir-se bem ou realizado, intelectualmente falando. Em não poucos casos, escrever é uma necessidade interior muito forte, até mesmo incontida. É um derramar de alma, um extravasamento, um desabafo. O escritor corre o risco de revelar-se demais, de expor-se demais, de deixar escancarada a sua alma. Assentados em seu divã, certos escritores fazem análise com os seus muitos leitores, alguns complacentes e atenciosos, e outros, não.

Em *O Que os Evangélicos (não) Falam*, Ricardo Gondim se dispõe a falar o que os evangélicos, normalmente, não falam. Ele reúne aqui suas apreensões, reflexões, desabafos e esperanças.

Susan Buck-Morss, professora de filosofia política e teoria social na Universidade Cornell, nos Estados Unidos, afirma: “Estamos sofrendo uma espécie de depressão pós-parto. Depois de uma longa gravidez de um futuro que o mundo agora deu à luz (parafrazeando Marx), estamos francamente decepcionados” (*Folha de São Paulo*, 27/11/2005).

Se todo mundo se confessa decepcionado com tudo e com todos, é preciso dar atenção às razões pelas quais Ricardo Gondim também está decepcionado. Muitas de suas decepções são nossas decepções, muitas de suas amarguras são nossas amarguras, muitas de suas lágrimas são nossas lágrimas. Não precisamos ir a Jerusalém para encostar o rosto no Muro das Lamentações. Façamos isso aqui mesmo e agora, com arrependimento, humildade e com vontade férrea de receber uma nova visitaçao do Espírito de Deus. Coloquemos nas fendas úmidas de lágrimas desse muro a multissecular súplica de Habacuque: “Realiza de novo, em nossa época, as mesmas obras [dos séculos anteriores], faze-as conhecidas em nosso tempo; em tua ira, lembra-te da misericórdia” (Hc 3.2).

“Estou cansado!” (p. 61), publicado originalmente na coluna de Ricardo Gondim na edição de julho/agosto de 2004 da revista *Ultimato*, provocou um grande número de cartas, porque os leitores também estavam cansados. Em uma delas, a missivista, então com 76 anos, escreveu: “Estou cansada, mas vou continuar, porque a minha caminhada está perto de acabar... e o dono da lavoura, prestes a voltar”.

O autor se mostra esperançoso também. A renovação acontece quando misturamos tristeza com confissão e confissão com esperança. Só quando notamos a nossa miséria, enxergamos o ouro refinado; só quando nos vemos nus, enxergamos as roupas alvejadas no sangue do Cordeiro; só quando damos conta da cegueira, enxergamos o colírio. O ouro refinado, as roupas brancas e o colírio para os olhos estão todos nas mãos daquele que está do outro lado da porta fechada: basta ouvir a sua voz e abrir-lhe a porta para começar tudo de novo! (Ap 3.17-20).

Para o psicanalista Contardo Calligaris, as pessoas que sofrem com a situação alheia correm o risco de se acharem gigantes da

moralidade. Em regra, explica Calligaris, o narcisismo funciona assim: “Quanto maior a imperfeição do mundo, quanto maior a decepção que nos é imposta pela conduta dos outros, tanto maior é nossa exaltação narcisista” (*Folha de São Paulo*, 3/11/2005).

Ricardo Gondim está ciente desse perigo: “Quando caminho por essas trilhas desconhecidas e perigosas, reconheço que preciso tomar alguns cuidados. Antes de tudo, começo admitindo minha necessidade de esvaziar-me da arrogância. Tenho que considerar meu narcisismo com atenção” (p. 16).

Embora artificialmente cada vez mais parecido com o trigo, o joio é sempre joio, plantado na calada da noite e crescendo devagar para não assustar os guardas das torres de vigia. Guardadas as devidas proporções, quero dizer que Ricardo Gondim, neste livro, é um dos guardas das torres de vigia, construídas nos pontos estratégicos das vinhas, dos olivais, das figueiras e das pastagens. *O Que os Evangélicos (não) Falam* poderá nos ajudar na difícil arte de separar o trigo do joio.

Elben M. Lenz César

Diretor-redator da revista **Ultimato**

[Introdução]

EM MINHA JUVENTUDE jamais imaginei que o mundo ficaria do jeito que está. Lembro-me claramente do meu assombro quando ouvi um CD (os primeiros eram enormes), do meu espanto com a internet e de como me senti diante das imagens dos confins do universo, geradas pelo telescópio Hubble.

O futuro chegou assustando prognósticos e profetas.

Assisti ao colapso do comunismo soviético, à ascensão da teocracia islâmica e ao avanço da pandemia da aids na África. Marx não acreditaria se lhe contassem que os proletários optaram pelo consumo e arriaram a bandeira socialista em quase todos os países onde o comunismo foi implantado. Che Guevara ficaria espantado em saber que a guerrilha pós-moderna acontece no Iraque, com características muito mais religiosas que ideológicas. Ele choraria de tristeza se soubesse que os guerrilheiros colombianos viraram bandidos comuns.

A história dos últimos cinquenta anos ganhou velocidade, deu guinadas mirabolantes, e, muitas vezes, homens e mulheres agiram como se estivessem num estouro de boiada: todo mundo se atropelando numa correria sem rumo.

A revolução sexual mudou conceitos de família. Os pais ganharam novos papéis, os adolescentes passaram a procriar prematuramente e os idosos perderam relevância com o fortalecimento da indústria da beleza. As relações com parentes imediatos tornaram-se distantes.

A popularização do Estatuto dos Direitos Universais do Homem resgatou a luta pela dignidade dos deficientes físicos, gerou maior resistência ao racismo e alargou o espaço das mulheres para reivindicarem igualdade.

Em meus verdes anos como cristão, quando divagava sobre o futuro, não considerava as mudanças que viriam sobre minha igreja. Dei meus primeiros passos na fé na Igreja Presbiteriana Central de Fortaleza. Cumpri ritos de iniciação, no batismo, para me integrar completamente em minha nova comunidade. Fiz de tudo para enriquecê-la. Evangelizei, organizei congressos de jovens, dei aulas na escola dominical. Ali, fiz bons amigos que ainda hoje permanecem como referenciais para mim.

Nossos cultos seguiam rigorosamente a mesma liturgia, sempre com reverência. A música vinha de um órgão. Cantávamos com um hinário e depois ouvíamos o coral. As ofertas, trazidas ao gazofilácio, precediam o sermão de vinte minutos. Ocasionalmente, fazia-se um apelo de conversão — com poucos decididos. O culto terminava com um tríplice amém. Como nossa igreja não era muito grande, nos conhecíamos intimamente. Gastávamos horas conversando no terraço. Respirávamos um ambiente comunitário. Muitas vezes, havia fofocas, mas chorávamos quando alguém sofria; nos amávamos como uma família.

Quem, naqueles dias, poderia imaginar que as igrejas se transformariam em mega-empresas, movimentando somas astronômicas, conspirando pelo poder político e disputando, em pé de igualdade, a hegemonia da mídia?

O movimento evangélico brasileiro cresceu numericamente, com estatísticas espantosas. Até o Vaticano se incomodou com a transferência de católicos nominais para as igrejas evangélicas, que pipocam por todos os lados. Sociólogos passaram a estudar os fenômenos que favorecem essa multiplicação. Haja estudos! Os evangélicos representam um segmento religioso relativamente novo na sociedade brasileira — com mais evidência, depois da década de 1950. O vertiginoso avanço evangélico também pegou de surpresa os teólogos. Parece que não se esperavam os sincretismos que geraram características bem próprias dos crentes brasileiros.

O movimento evangélico passa por várias mudanças. No passado, os cantores evangélicos gravavam seus poucos discos de vinil, com produções artesanais. Para vender, precisavam sair cantando de igreja em igreja. Hoje, cantores “*gospel*” gravam em estúdios com tecnologia de ponta, acompanhados por músicos profissionais, e desfrutam de uma eficiente estrutura de *marketing*. Assim, vendem milhões de cópias, faturam alto e possuem *status* de artistas profissionais. As gravadoras promovem festivais para reconhecer os melhores, e premiam-se com “discos de ouro” quem alcança mais sucesso.

As editoras também se profissionalizaram. Há pouco tempo, o mercado de livros era bem restrito. Com poucos títulos publicados a cada ano, só denominações e missões dispostas a investir sem possibilidade de retorno se atreviam nesse segmento. Hoje, multinacionais do livro cobiçam o mercado brasileiro. A cada mês nascem pequenas editoras e muita gente almeja lançar revistas e jornais, num filão consumidor ainda crescente.

Mas os evangélicos se admiram com outras transformações. As escolas dominicais já não têm a relevância de outrora; há descaso pela doutrina. As igrejas enfatizam eventos para atrair

mais gente e, assim, os prédios são planejados e construídos para agradar os fiéis como clientes. Uma boa igreja hoje precisa de um bom estacionamento e um excelente berçário para as crianças pequenas. Contudo, as maiores mudanças aconteceram na teologia.

Aos poucos, as igrejas se esqueceram de algumas pilastras da Reforma Protestante do século 16. O evangelho da graça foi sendo substituído por uma religiosidade de méritos. Abandonou-se o tema que diferenciava os crentes nacionais. Pregadores protestantes repetiram, por décadas, que nada mais é necessário ser feito para se alcançar a salvação e que todas as bênçãos vindas de Deus são imerecidas, que tudo foi conquistado por Cristo no Calvário. Os evangélicos começaram a se tornar notórios pelas “campanhas” de oração que pretendem ensinar o jeito certo de se obter alguma bênção. Com essa mudança, corria-se o risco de fugir da tradição protestante. Para manter o movimento numa mínima ortodoxia protestante, optou-se por priorizar o Antigo Testamento e seu sistema de culto para legitimar a constante promessa de bênçãos. Usaram-se passagens especificamente destinadas a um tempo da história de Israel, avivaram-se os sacrifícios dos antigos concertos e nada mais foi de graça para os crentes. Quem quiser qualquer favor divino tem de pagar — geralmente em dinheiro. Igrejas restabeleceram a mentalidade católica medieval com abundância de amuletos. E surgiram versões nacionais das relíquias: rosas, corredores, mantos, portas, chaves, espadas e copos d’água. Essa montanha de talismãs serviriam de “ponto de contato” para aumentar a fé do povo.

Os novos crentes brasileiros já não são tão proibitivos quanto a roupas e uso de jóias. Abrandou-se o legalismo de usos e costumes. Entretanto, permanece um obscurantismo teológico tremendo. O dogmatismo impera. Sem espaço para reflexão, muitos se

contentam em repetir teologias estrangeiras, copiam modelos americanos de crescimento de igreja e abusam de anglicismos. Por que empregar, por exemplo, *kid* em vez de criança, *praise* em vez de louvor e *show* em vez de culto?

Os líderes das grandes igrejas e denominações concordariam sobre os perigos de se verem famosos. Além da vaidade de se acharem superungidos, vêem as bajulações dos medíocres que querem pegar carona nos sucessos repentinos. Espertalhões rondam os grandes templos com oportunidades imperdíveis de impactar o mundo. Candidatos se oferecem para representar os interesses do rebanho perante o poder público. Pior, existem muitos que enxergam o púlpito como palco. Sedentos dos seus quinze minutos de fama, prometem “abençoar” o povo como autênticos levitas bíblicos.

O quadro mudou radicalmente nas igrejas. Agora, mais do que nunca, mestres, pastores e evangelistas precisam de trégua; precisam de tempo para rever caminhos e repensar com doçura e bom senso o rumo que escolherão. Por mais que se celebre o crescimento da igreja no Brasil, não se pode esquecer os enormes desafios e tentações que vieram a reboque.

Para que a igreja caminhe com esperança, é preciso repensar alguns paradigmas. E essa tarefa é difícil, eu sei. Para não nos acomodarmos aos processos de entropia, precisamos ousar sair de nossas zonas de conforto. Precisamos de coragem para caminhar nas fronteiras. E quem caminha em zonas de pensamento limítrofes corre o risco de colocar o pé do lado de fora. Quem ousa olhar por cima de cercas, talvez se encante com o que vê no quintal do vizinho e queira se mudar para lá. Viajei muito nos últimos anos, convivi com “pecadores e publicanos”, li autores não bem aceitos pelos cânones evangélicos, senti-me inclinado a caminhar para as periferias menos visitadas e agucei minhas

críticas ao evangelicalismo. Perdi alguns encantos acríticos. Ousei questionar certos pressupostos doutrinários, sistemas de poder e, principalmente, algumas certezas que vinham do senso comum.

Sei que tenho me colocado no meio de muita controvérsia e que sou, algumas vezes, polêmico em meus textos. Alguns leitores estranharam quando confrontei certos conceitos teológicos cridos e aceitos com unanimidade quase absoluta. Já me rotularam até de herege. Vários professores de seminários advertiram seus alunos que tomassem muito cuidado comigo. Segundo eles, trilha caminhos perigosos para a fé. Confesso que algumas vezes também tive medo dos caminhos por onde andei, mas espero ter preservado meu compromisso com Cristo e com seu povo.

Quando caminho por essas trilhas desconhecidas e perigosas, reconheço que preciso ser cuidadoso. Antes de tudo, admito minha necessidade de esvaziar-me da arrogância. Tenho de considerar meu narcisismo com atenção. Preciso resistir à minha pretensão de julgar, invadido por sentimentos de onipotência. Em toda crítica há um elemento de vaidade e presunção. Quem critica tem de se conscientizar de sua finitude e de suas próprias incoerências — a régua com que medimos será usada para nos medir. Não, eu não sei tudo nem desprezo o passado.

As pessoas que me precederam talvez não tenham conseguido dirigir o rumo da história como gostariam. Meu juízo do que é mais conveniente não serve como referencial pleno. Muitos pioneiros trabalharam em circunstâncias adversas, com poucos recursos e em contextos hostis. Em muitos casos, contingências os surpreenderam, e eles se viram levados para realidades que não desejavam.

A crítica que muitas vezes faço ao movimento evangélico não pode conter rancores. Constatado que manter-se sem azedumes na alma é muito difícil. Não quero me indispor com ninguém, até

porque não posso julgar a sinceridade alheia. Sinceridade é uma qualidade que não deve existir sem a companhia de outras virtudes. Pessoas extremamente sinceras podem praticar atos perversos e ser contaminadas por vícios terríveis. Mas quem é totalmente íntegro e quem conseguiria aliar verdade à sua sinceridade? Portanto, estamos todos caminhando com nossas ambigüidades e incertezas, sabendo que Deus nos acompanha e nos ajuda a alcançarmos maior maturidade humana.

Tenho esperança e não posso deixar que ela morra. Caso persistam alguns modelos de igreja que ganharam força nos últimos anos entre os evangélicos, antevejo disfunções graves, entretanto, não sou niilista. Meus pessimismos não geram derrotismos imobilizadores de minha alma. A história mostra que vários movimentos se institucionalizaram, cresceram, alcançaram apogeu, entraram em declínio e morreram. Hoje, jazem em livros de história. Mas a Igreja (com I maiúsculo) sempre se reinventou e renasceu com outras características, visão, pressupostos teológicos e firmeza ética. O cristianismo é uma das instituições humanas com mais longevidade e pertinência. Jesus prometeu que ele mesmo edificaria sua igreja e que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela. Então, quando antecipo derrocadas, não me refiro ao mistério de Deus revelado na Igreja, mas ao segmento da cristandade chamado de evangélicos. Hoje essa igreja vive seus momentos de exuberância, mas demonstra claramente que logo entrará em franco declínio. Porém não há motivo de pânico; uma nova Igreja surgirá. Outros discípulos nos seguirão, e haverá uma nova espiritualidade. Vivo e trabalho para que seja melhor, pois Deus sempre preserva um remanescente.

Algumas pessoas me criticam, afirmando que aponto defeitos, mas não ofereço soluções. Concedo que essa análise esteja correta.

Sou filho desta geração e também tenho grande dificuldade de pensar objetivamente. Minhas viseiras teológicas — e ideológicas — não me deixam enxergar bem. Tenho um foco restrito e, por mais que me esforce, muitas vezes não consigo sair de minhas bitolas. Mas minha incapacidade de apontar novos rumos não me angustia. Talvez esse papel pertença aos meus descendentes, àqueles que me substituirão. Espero que minhas inquietações os provoquem a sonhar com um novo cenário.

Não acredito em destino, não sou fatalista. Penso que Deus chamou homens e mulheres para serem seus cooperadores na construção da história. Quando nossas escolhas são erradas, impera a injustiça, desce uma cortina de trevas e a maldade se alastra. Quando optamos pelo certo, existe paz, brilha o sol da justiça e o bem se multiplica. Sei que sozinho jamais poderei determinar o porvir; contudo, posso me juntar ao grande exército dos filhos de Deus e antecipar sinais do seu reino. Essa é a razão de minha vida.

Soli Deo Gloria.

DOS NEGÓCIOS

[Chega de promessa de bênção]

NÃO DÁ MAIS PARA AGÜENTAR tanta promessa de bênção. Enche ter de ouvir pastores oferecendo os mais ricos votos de felicidade e proteção divina a cada culto. Ser abençoado tornou-se quase uma obsessão evangélica nacional.

Promete-se tanta riqueza, saúde física e felicidade que, pelo número de campanhas de oração realizadas, o Brasil já deveria ter melhorado em algum dos índices de qualidade de vida das Nações Unidas, com algum alívio na distribuição de renda ou menos fila nos ambulatórios públicos.

Chega de promessa de bênção. A espiritualidade cristã, com suas orações, ritos e expectativas, não gira em torno da vontade de ganhar o benefício celestial. A ênfase dos Evangelhos não se resume a um só tema. Jesus lembrou a seus primeiros discípulos que, antes de se preocuparem em salvar a vida, eles precisariam estar dispostos a perdê-la (Mc 8.35).

A grandeza de uma causa não é determinada pelo que seus seguidores ganham ao segui-la, mas pelo preço que estão dispostos a pagar por ela.

Chega de promessa de bênção. Os auditórios lotados de pessoas ávidas por receber mais favor divino favorecem o egocentrismo. Quanto mais se promete, mais se quer receber.

Esse caminho não tem fim. O Salmo 106 narra o comportamento dos judeus no período da sua libertação do cativeiro egípcio.

Depois de sucessivos milagres, o povo parecia não se saciar, sempre exigindo mais. Esse fascínio pela próxima intervenção transformou-se em cobiça, e o versículo 15 traz uma dura sentença: “[Deus] concedeu-lhes o que pediram, mas fez definhar-lhes a alma”.

Chega de promessa de bênção. A Bíblia não pode ser encolhida a uma caixinha de afirmações otimistas. Para continuar com seu discurso de caráter prático, a maioria dos pastores só cita textos tirados do Antigo Testamento e, ainda, do período judaico anterior ao exílio.

Os sermões que procuram enfatizar bênçãos deixam de lado os textos contundentes do Novo Testamento em que os cristãos são convocados a viverem em um mundo cruel e doloroso. Jesus não tentou dourar a pílula nem encobriu a verdade: “No mundo, passais por aflições” (Jo 16.33).

Paulo advertiu a Igreja a não se imaginar numa redoma de prosperidade: “E, tendo anunciado o Evangelho naquela cidade e feito muito discípulos, voltaram [...] fortalecendo a alma dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrando que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus” (At 14.21-22).

Jesus revelou à igreja de Esmirna, no Apocalipse, o teor de sua missão: “Não temas as coisas que tens de sofrer” (Ap 2.10).

Chega de promessa de bênção. Quem se obriga verbalmente a dar tudo, se adorando, é o diabo, nunca Deus (Mt 4.9). A espiritualidade judaico-cristã não se estabelece sobre utilitarismos. Deus não quer adoração por aquilo que ele dá, mas por quem ele é.

No livro de Jó, Satanás faz uma acusação gravíssima contra Deus. Ele tenta incriminar Jeová por só ser amado por seus filhos mediante suborno: “Porventura Jó debalde teme a Deus?” (Jó 1.9). A narrativa poética de todo o livro deixa claro que o Senhor não era amado por suas inúmeras bênçãos sobre a vida e a família de Jó, que, pobre, ainda pôde exclamar: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!” (Jó 1.21).

Chega de promessa de bênçãos. A virtude cristã que se deve buscar prioritariamente é a justiça. No Sermão da Montanha, os que tiverem fome e sede de justiça serão fartos (Mt 5.6). Quando o cristianismo destaca a promoção da justiça, todas as demais bênçãos se tornam secundárias (Mt 6.33). Aliás, não existe pregação legitimamente evangélica sem a busca do direito: “O reino de Deus não é comida, nem bebida, mas justiça e paz e alegria no Espírito Santo” (Rm 14.17).

Antes de quererem para si a benevolência do Senhor, os crentes deveriam almejar a promessa de Isaías 61.3: “A fim de que se chamem carvalhos de justiça, plantados pelo Senhor para a sua glória”.

A igreja evangélica cresce velozmente no Brasil, mas será que percebeu todas as implicações do seguir a Cristo?